

FERREIRA DE ARAÚJO NAS “BALAS DE ESTALO” E NAS “COUSAS POLÍTICAS” DA GAZETA DE NOTÍCIAS: IMPRENSA, MODERNIDADE E NEUTRALIDADE

ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS¹

*A fonte viva da política de um povo é a sua imprensa. É ela que agremia as opiniões em partidos, que disciplina estes para o governo; é que fortalece ou enfraquece os governos para sustentá-los ou derrubá-los em nome do país. Pois bem, a capital do império, o grande laboratório da opinião nacional, não tem uma imprensa política. A imprensa em massa se declara neutra. [...] Significa isto a abstenção inteira do povo quanto à marcha dos seus governos? Não, porque nos “a pedidos” dos jornais a discussão continua; porque nas conversações particulares a política toma o primeiro lugar. Qual a explicação do fato? É que a imprensa da corte vive no meio de uma sociedade em que a propriedade poderosa, a propriedade que faz opinião, é na sua maioria estrangeira e, por isso mesmo, neutra. Neutralidade antipatriótica basta para demonstrar que a imprensa da capital é estrangeira. (José do Patrocínio, *Gazeta de Notícias*, 27/06/1881)*

Este foi o último artigo que José do Patrocínio publicou como colaborador da *Gazeta de Notícias*. Amigo de Ferreira de Araújo, dono e fundador deste jornal, Patrocínio havia entrado para o quadro de colaboradores da *Gazeta* em 1877, tornando-se um dos seus principais folhetinistas políticos já em 1878. Sob o pseudônimo Proudhomme, ele escrevia uma coluna intitulada “Semana Política”, publicada regularmente às segundas-feiras (FERACIN, 2006). No entanto, pouco depois de fevereiro de 1881, quando Ferreira de Araújo partiu para sua primeira viagem à Europa, a situação de Patrocínio começou a se tornar muito delicada na *Gazeta*. Sempre com seus artigos inflamados, passou a não encontrar nas páginas desta folha a liberdade de que gozava, por exemplo, no jornal de Ferreira de Menezes, a *Gazeta da Tarde*. Patrocínio começa, então, a se desentender com os donos e principais redatores da *Gazeta de Notícias*, tais como Henrique Chaves, Elísio Mendes e Francisco Ramos Paz. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1972, p.112)

O último artigo de Patrocínio para o jornal de Ferreira de Araújo, sobre a “neutralidade política” da imprensa carioca, registrava, entretanto, não apenas o desencanto do articulista, como trazia para o debate o papel que a imprensa brasileira havia se atribuído naquele momento. Desde o início de sua trajetória, a *Gazeta de Notícias* tinha se esforçado por se caracterizar como um jornal “não partidário”,

¹ Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas.

“moderno”, que tinha como compromisso fundamental a notícia isenta, o debate e a pluralidade de ideias. O próprio Machado de Assis, em crônica comemorativa do aniversário da *Gazeta*, relembra o avanço que o jornal de Ferreira de Araújo havia proporcionado à imprensa ao criar uma folha que “não servia a partidos”². Machado não estava enganado, a *Gazeta de Notícias*, de fato, desejou se diferenciar dos muitos jornais efêmeros que surgiram ao longo do século XIX, cuja finalidade maior, na maioria das vezes, era divulgar e defender um determinado partido.

Ao falar da *Gazeta de Notícias*, Machado constatava, principalmente, a mudança sofrida pela imprensa em finais do século XIX. A partir dos anos de 1870, o Rio de Janeiro, além das grandes transformações políticas e sociais, assistia também ao surgimento das condições que se tornaram essenciais para o desenvolvimento dessa nova imprensa, tais como o aumento expressivo da população, a instalação do serviço telegráfico, o desenvolvimento dos serviços dos correios e, principalmente, a construção de uma malha rodoviária que atingia lugares cada vez mais longínquos (BARBOSA, 2000). Criadas essas condições, o Rio de Janeiro tornou-se o grande centro de um novo jornalismo, que teve entre os seus protagonistas a *Gazeta de Notícias*, fundada em 1875 (SODRÉ, 1966). Como o grande empreendedor que era, Ferreira de Araújo inaugurou o sistema de vendas avulsas pelas cidades, passou a distribuir o seu jornal a preço popular (40 réis) e revolucionou o conteúdo do seu periódico ao tornar os seus artigos e colunas mais leves, curtos e acessíveis ao grande público. Já em seu prospecto, a *Gazeta* afirmava que seu único compromisso era com a “jovialidade”, com a “leveza” e com o gosto do público.³

E como destas transformações, um novo jornalismo se difunde no Rio de Janeiro. Muda-se o padrão editorial das publicações, aumenta-se a tiragem, mas, principalmente, muda-se a intenção dos textos que integram os periódicos. Passa-se a valorizar sobremaneira a notícia instantânea e a imparcialidade. Os textos agora diziam pretender, sobretudo, informar com isenção, com neutralidade e veracidade, o que leva à

²Em sua crônica de “A Semana”, Machado escrevia que as outras folhas, antes da *Gazeta*, “não tinham o domínio da notícia e do anúncio, da publicação solicitada, da parte comercial e oficial” e que, no geral, “serviam a partidos políticos”. Com a *Gazeta*, tudo havia mudado, não só o jornal era vendido nas ruas da cidade, como a “notícia”, a “pilhéria”, a “crítica”, “a vida, em suma”, passaram a ser vendidas “por dois vinténs escassos”. (ASSIS, Machado de. *A Semana: crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora Hucitec, 1996).

³Lulu Sênior, *Gazeta de Notícias*, 02/08/1875.

criação de colunas fixas para informação e para opinião, ao mesmo tempo em que se privilegia a edição de notícias informativas, em detrimento da opinião (BARBOSA, 2000, p.24).

Entretanto, apesar do intuito de manter a “neutralidade”, ao longo da leitura de colunas publicadas na *Gazeta*, tais como “Balas de Estalo” e “Cousas Políticas”, percebemos que, para além de defender ideias liberais clássicas (liberdade religiosa, casamento civil, reforma eleitoral etc.), a *Gazeta* construía, em várias de suas páginas, uma crítica homogênea e contumaz sobre a monarquia. Sob a acusação de José de Patrocínio de manter uma “neutralidade” que em nada colaborava para o desenvolvimento da nação, associada ao grupo que ele chamou de “imprensa estrangeira” e “antipatriótica”, que tipo de isenção política, de fato, mantinha a *Gazeta de Notícias*?

As “Balas de Estalo” e as “Cousas Políticas”

Entre os anos de 1883 e 1886 “Balas de Estalo” foi publicada quase diariamente no jornal carioca *Gazeta de Notícias* e em suas páginas vários de seus colaboradores revelavam o desejo por um Brasil novo. Ao longo de sua publicação, a série acompanhou as grandes discussões políticas e sociais do período, evidenciando o desejo de “estalar” balas de “artilharia”, ou de “açúcar”, em direção aos principais “homens e instituições” do país. Marcada por algumas especificidades, como a pluralidade de narradores⁴, “Balas de Estalo” tornou-se um “confeito” bastante popular na cidade carioca. Privilegiando o humor, a série comentava os fatos cotidianos ocorridos na Corte, tivessem eles se passado no palácio imperial, na Câmara dos Deputados ou nas ruas da cidade. Compunha-se de narradores que primavam pela simplicidade e objetividade de seus textos e, principalmente, preocupavam-se em atender e agradar ao maior número possível de leitores. Os mais de dez integrantes da série construíram em “Balas” um espaço de debate sobre os mais variados assuntos. Foram mais de 940 crônicas escritas, um número que evidencia não só a longevidade, mas a popularidade da série. Seus colaboradores, entre eles o próprio Ferreira de

⁴ Inicialmente a série contava com a participação dos seguintes pseudônimos: *Lulu Sênior* (Ferreira de Araújo), *Zig-Zag* e *João Tesourinha* (ambos assinados por Henrique Chaves), *Décio* e *Publicola* (assinados por Demerval da Fonseca), *Lélio* (Machado de Assis), *Mercutio* e *Blick* (assinados por Capistrano de Abreu) e *José do Egito* (Valentim Magalhães). Posteriormente, ingressaram *Confúcio*, *LY* e *Carolus*, todos ainda sem identificação.

Araújo, revezavam-se no ofício de produzir crônicas curtas e engraçadas, surgidas a partir de comentários rápidos de pequenos acontecimentos e fatos inusitados, que na coluna eram transformados em crítica às tradicionais práticas políticas do império. Comentários que, ao longo da publicação, acabaram por elaborar um arcabouço de críticas que demonstravam o atraso em que vivia o imperador, a monarquia e todas as instituições que a alicerçavam.

Tais críticas não podem deixar de ser analisadas sob a perspectiva do projeto de “neutralidade” da *Gazeta de Notícias*. Uma vez que a série se tornou tão popular, seria impossível desconsiderar a importante intervenção política que as engraçadas “balas de estalo” introduziram neste periódico. Uma das maneiras possíveis de observar a forma como “Balas” ocupou esse espaço no jornal de Araújo é comparação entre esta série e a coluna “Cousas Políticas”, que também foi bastante popular nos anos de 1880, e que era escrita pelo próprio Ferreira de Araújo. Através da comparação foi possível observar as diferentes estratégias de construção dessa intervenção política.

Escrita por Ferreira de Araújo, a coluna “Cousas Políticas” aparecia todas as segundas-feiras e vinha sempre sem a assinatura de seu autor, embora todos soubessem se tratar do dono da *Gazeta de Notícias*. E mesmo que não fosse intitulada “editorial”, a coluna funcionava, e era redigida, como se fosse um artigo de fundo. Araújo e Lulu Sênior, entretanto, pensariam da mesma forma? Como o autor lidava com temas em comum ao escrever em espaços diferentes do jornal? A separação entre o autor e narrador sempre foi de difícil realização, pois todos sabiam que o dono da *Gazeta* utilizava esse mesmo pseudônimo desde os tempos em que escrevia para o jornal humorístico *O Mosquito*. Entretanto, isso não explicava a relação do literato com o seu narrador. Na crônica de 29/09/1883, por exemplo, na qual Lulu Sênior trata de uma denúncia que a *Gazeta* havia feito sobre a polícia, podemos observar como a explicação para seu pseudônimo não parece ser tão simples:

“Dias depois, o subdelegado, que tinha dado a bofetada, mas, por modéstia, não se gabava disso, chamou à responsabilidade o nosso gordo patrão que tinha posto a história toda na *Gazeta*. O bom patrão despediu-se da família, fez testamento, rolou pela ladeira de justiça d’ El Rei Nosso Senhor [...] e ficou à espera que continuasse o processo para ir gemer a referida palha úmida dos cárceres”. Lulu Sênior (Ferreira de Araújo, “Balas de Estalo”, 28/09/1883).

Nesta crônica, Lulu Sênior definitivamente não é o “gordo patrão”, ou Ferreira de Araújo, aquele que estava sofrendo represálias por ter denunciado abusos de poder por parte da polícia. Era apenas Lulu Sênior quem falava, deixando o tema “espinhoso” para o dono do jornal. Diferentemente de crônicas em que Lulu Sênior falava como Ferreira de Araújo, como é o caso da “bala de estalo” de 01/07/1883 em que ele assume ser o autor de uma peça teatral chamada *O Primo Basílio*, nesta, sobre a polícia, o narrador coloca-se à frente do cronista. E o movimento de aproximar e distanciar as personalidades ocorre ao longo de toda a série, fazendo deste narrador muito diferente do criado por Machado de Assis para a mesma série, por exemplo. Ao criar Lélío, Machado jamais lidou com sua personagem como se fosse uma mera assinatura. Com características previamente elaboradas e sustentadas durante a publicação de “Balas”, o narrador de Machado se fez mais constante e definido.

Publicada na primeira coluna da primeira página do jornal, “Cousas Políticas” ganhava status de artigo de fundo e nada mais coerente que ser escrita pelo próprio dono do jornal. Assuntos tratados muitas vezes por “Balas de Estalo” surgiam freqüentemente nas chamadas “Cousas Políticas”, afinal de contas, a política era o tem principal de ambas as colunas. Em março de 1884 sai, pela gráfica da *Gazeta de Notícias*, um volume intitulado “Cousas Políticas” de 1883, no qual Ferreira de Araújo reuniu e organizou todos os textos publicados sob aquele título. *Lélío*, pseudônimo de Machado de Assis, não deixou de registrar o acontecimento:

“Meu caro Lulu Sênior - você que é da casa – podia tirar-me de uma dúvida. Acabo de ler nos jornais a notícia de que estão coligidos em livro os artigos hebdomadários da Gazeta de Notícias, denominados “Cousas Políticas”, atribuindo-se a autoria de tais artigos ao diretor da mesma Gazeta. Eu até aqui conhecia este cavalheiro como homem de letras, amigo das artes, e um pouco médico. Nunca lhe atribuí a menor preocupação política, nunca o vi nas assembléias partidárias, nem nos órgãos de uma ou outra das novas escolas políticas. [...] Isto posto, caí das nuvens quando li que as “Cousas Políticas” eram desse cavalheiro. Se quer que lhe fale com o coração nas mãos, não acredito. Não bastam a imparcialidade dos juízos, a moderação dos ataques, nem a sinceridade das observações; e se você não fosse um pouco parente dele, eu diria que não bastam mesmo o talento e as graças do estilo para atribuírem-lhe tais crônicas. Acho nelas um certo gosto às matérias políticas, que, depois do efeito produzido por uma citação de Molière na Câmara, suponho incompatíveis às aptidões literárias. [...] A especialização dos ofícios é um fato sociológico. Isto de ser político e homem de letras é cousa que só se vê naqueles países da velha civilização [...]. Se é assim, se as cousas são como tais, então cumprimenta por mim o nosso Ferreira de Araújo, dizendo-lhe ao mesmo tempo que continue, e cá me tem a lê-lo e relê-lo, e adeus”. Lélío (Machado de Assis, “Balas de Estalo”, 13/03/1884).

Lélio também não se refere a Lulu Sênior e Ferreira de Araújo como se fossem a mesma pessoa, ambos são, segundo o cronista, apenas “um pouco parentes”. A diferenciação entre um e outro sugere que, pelo menos quanto à forma, estes narradores estão separados: Lulu Sênior, um pseudônimo humorístico, e o outro o dono da *Gazeta de Notícias*. Seguir essas especificidades, por sua vez, é compreender as diversas formas como cada um dos assuntos discutidos por estes narradores é tratado nesses diferentes espaços. Ao longo da leitura da série podemos perceber que Ferreira de Araújo lidava de forma um pouco mais moderada em certos assuntos quando a discussão ocorria em “Cousas Políticas”. Por outro lado, o humor de “Balas de Estalo” parecia lhe dar mais liberdade para discutir temas delicados como a monarquia e o poder pessoal do imperador. A *Gazeta de Notícias*, dizendo-se uma “folha neutra, não poderia ter em seu “editorial” ataques frontais ao imperador, nem ridicularizações da figura do monarca, dos seus rituais e de sua intelectualidade sem ser considerada folha política. A manutenção de uma imagem de “imparcialidade” e de defesa apenas do bem público norteavam a atuação de Ferreira de Araújo em sua coluna “mais séria”. *Zig-Zag*, em crônica do dia 14/03/1884, se refere a essa “neutralidade” nas “Cousas Políticas” e brinca:

“Levei um ano inteiro a desviar os olhos dessas *Cousas Políticas* e não fazer caso das primeiras colunas da *Gazeta*, às segundas-feiras. Quando cheguei ao fim de oitenta e três, pensei que as *Cousas Políticas* haviam acabado. Enganei-me. Entraram energicamente pelo oitenta e quatro, continuando a privar-me às segundas-feiras da leitura das referidas primeiras colunas desta folha. Agora vejo em volume as mesmas *Cousas*. [...] O homem não quer somente ser lido, quer ser meditado. [...] Tive um momento de fraqueza e li *Cousas Políticas*. [...] Não direi claramente a minha opinião, com receio de arriscar o meu lugar de baleiro honesto e trabalhador. Entretanto, quer me parecer que as *Cousas Políticas* constituem um livro perigoso para a estabilidade das nossas instituições. Em primeiro lugar, pela leitura do livro não se fica sabendo se o autor é liberal, conservador, monárquico, republicano, escravagista, emancipacionista, abolicionista, ultramontano ou livre pensador. Ora, tratando-se de *Cousas Políticas*, esta omissão é indesculpável. [...] Deve-se ser liberal ou conservador” [...]. O contrário é fazer política *sui generis*. Aplaudir os atos bons de uma administração e censurar os atos maus da mesma administração é fazer-se política do *sim* e do *não*. O escritor que faz isto não é um imparcial, é um incompetente. *Zig-Zag* (Henrique Chaves, “Balas de Estalo”, 14/03/1884).

Zig-Zag era o grande adversário de Lulu Sênior na série “Balas de Estalo”, apesar de Henrique Chaves ser o grande amigo de Ferreira de Araújo, estavam sempre a discordar sobre os mais diversos assuntos. Tanto que, quando ocorre uma publicação

em livro de “Balas de Estalo” – em 1887 –, serão as crônicas desses dois narradores a integrar esse volume, o que provavelmente se deveu à grande popularidade junto ao público dessas discussões. Na crônica citada, Zig-Zag não só ironiza a moderação de Ferreira de Araújo, como também o chama de incompetente, tal como fazia com Lulu Sênior em “Balas”. Lulu Sênior e Ferreira de Araújo são assim a mesma pessoa, tornado a divisão entre autor e pseudônimo ainda mais complexa.

Mesmo que as críticas feitas por Zig-Zag fossem parte desta brincadeira, Chaves sabia que, tal como nas “Cousas Políticas”, a *Gazeta de Notícias* também tinha o objetivo de manter-se em uma postura de “neutralidade” diante dos partidos políticos. Apontar a imparcialidade de Ferreira de Araújo em “Cousas Políticas”, afirmando ser sua coluna uma “política do *sim* e do *não*”, só poderia ser uma provocação ou uma “piada” certamente compreendida pelos leitores da coluna. E a piada tinha alvo certo, pois durante todo o ano de 1883, um dos maiores alvos de “Cousas Políticas” foi Lafayette Rodrigues Pereira, presidente do conselho de ministros a partir de 24 de maio de 1883. Ex-republicano, um dos signatários do Manifesto Republicano em 1870, voltou a ser monarquista ao ser chamado para o Conselho do imperador. Segundo Araújo, sem grandes pretensões políticas, Lafayette apenas se destacava por sua importância como jurista e por sua grande ilustração. Ao chegar à presidência do gabinete de ministros foi bastante criticado por sua fraqueza política e pelo abandono do programa de seu partido. Questões como abolição, reforma judiciária, grande naturalização e casamento civil foram proteladas ao longo de seu governo, que tentou agradar a todos, liberais e conservadores, e acabou por desagradar a ambas as forças políticas. Lafayette ficou então conhecido por sua frase “pode ser que sim, pode ser que não”, o que virou motivo de críticas e chacotas por parte da imprensa, principalmente nas “Cousas Políticas” de Ferreira de Araújo.

Zig-Zag, apesar das brincadeiras e provocações, aponta para a questão da forma como “Cousas Políticas” tratava das principais discussões do período. De fato, em momento nenhum Ferreira de Araújo se diz liberal, conservador, monarquista ou republicano, mantendo sempre uma postura mais distante em relação às lutas especificamente partidárias do período, tal como fazia a *Gazeta de Notícias*. Nisso Zig-Zag estava certo. Entretanto, não se pode negar que o dono da *Gazeta de Notícias* tenha evidenciado seus ideais liberais nas páginas de “Cousas Políticas”. Durante toda a

publicação de “Cousas Políticas” defendeu a reforma judiciária, bem como a imigração, a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, o casamento civil e a grande naturalização. No entanto, como mostraremos a seguir, essas discussões eram feitas de forma mais contida e sem ferir grandes suscetibilidades, afinal de contas, era a imagem da *Gazeta* que estava em jogo.

Para melhor exemplificar essa moderação é necessário que uma comparação entre alguns temas discutidos nessa coluna e em “Balas de Estalo” seja feita. O tema da monarquia dá destaque à forma diversa como Lulu Sênior e Ferreira de Araújo trataram os mesmos assuntos. “Balas de Estalo” sempre foi bastante contundente em suas críticas ao imperador e à monarquia. Ao longo do ano de 1883, os narradores da série, e principalmente Lulu Sênior, criticaram o caráter autoritário do imperador, a falta de coerência de algumas suas decisões políticas e, principalmente, o uso do Poder Moderador⁵. Ora tido como despótico, ora como apenas um “joguete político” nas mãos do Senado e do Conselho de Ministros, o imperador foi também ridicularizado por seus rituais – com a Fala do Trono que, segundo Lulu Sênior, era apenas um “carnaval” que dava início à Sessão Legislativa, e por sua intelectualidade, que para os cronistas era superficial e ornamental. No caso de Lulu Sênior, as críticas ainda iam mais longe. Crítico ferrenho dos padres e da união entre Igreja e Estado, este narrador utilizou-se de muitas de suas crônicas para apontar o quanto a monarquia estava vinculada à religião e como isso poderia afetar o desenvolvimento do país.

Lulu Sênior travou grandes polêmicas com o jornal católico *O Apóstolo* no decorrer da série, sempre criticando o papel que a religião tinha na vida do país. O narrador preocupou-se em defender o casamento civil, o fim dos enterros religiosos, assim com a obrigatoriedade do juramento católico para exercer cargos públicos e políticos. Para Lulu Sênior, assim como para Ferreira de Araújo, esta união entre Igreja e Estado retardava a vinda de imigrantes para o Brasil, impedindo seu crescimento econômico. Quando surge a polêmica sobre cremação dos corpos das pessoas contaminadas pela febre amarela, Lulu Sênior volta a fazer suas críticas à Igreja e o seu posicionamento em relação ao assunto. A polêmica sobre a cremação sugeria que a Igreja também contribuiria para o atraso no avanço da medicina e da Higiene Pública⁶.

⁵ Ver, por exemplo, crônicas de 29/04/1883, 17/05/1883, 18/09/1883.

⁶ Ver “Balas de Estalo”, *Gazeta de Notícias*, dias 06/04/1883, 11/04/1883, 14/04/1883, 04/08/1883,

Implícita em todas essas questões estava uma crítica à própria monarquia e ao imperador que, contraditoriamente, queria para si a imagem de homem ilustrado e defensor das artes e da ciência, mas mantinha-se, contudo, omissa em relação à questão da Igreja e da religião oficial no país. Para Lulu Sênior, fica evidente o obstáculo que essa relação do regime monárquico com a Igreja representava para o “progresso” do Brasil.

Já em “Cousas Políticas”, Ferreira de Araújo também exprimia a sua reserva quanto à influência da Igreja na constituição do Estado e da sociedade brasileira. Toda a oposição à influência da Igreja Católica era expressa de forma também contundente no hebdomadário do dono da *Gazeta*. A questão do ensino religioso e da obrigação de ser católico para fazer parte do serviço público são, entretanto, assuntos tratados mais detalhadamente em “Cousas Políticas”. No dia 19/05/1884, por exemplo, Ferreira de Araújo comentava em sua coluna o caso de uma professora primária que, havendo passado em um concurso público, não pode assumir o seu posto por não professar a religião católica:

A judia tem a crença de seu país, mas não pretende professá-la; fez exame de doutrina cristã, ensina-a; ensina tão bem como a pode ensinar outra professora filha de pais católicos, batizada, crismada, confessada, mas perfeitamente indiferente à crença cristã. Sabe-se que a sociedade brasileira, em sua grande maioria, não é religiosa; se todos os cidadãos brasileiros fazem batizar seus filhos, é porque o vigário da freguesia é o único funcionário público que pode fornecer a certidão de idade, que garante o estado civil. Se a senhora a que nos referimos pertencesse a uma família católica, que tivesse dado como prova única de suas crenças o fato de fazer batizar seus filhos, seria nomeada; [...] É que a dissimulação, a dobrez (sic) de ânimo, a desonestidade são virtudes muito recomendáveis aos olhos do nosso governo [...] O que pode a lei exigir da professora? Que ensine. Com os princípios de tolerância que os nossos governos apregoam, mas são os primeiros a não aplicar, [...]; respeita-se, em princípio a liberdade de pensamento de sua família; mas condena-se in limine a liberdade de pensamento do mestre, a quem só permite o ser crente na religião do Estado ou hipócrita, ser católico ou dizer que o é. [...] E aí está a coerência do governo. Enquanto o Sr. ministro do império apresenta às câmaras um projeto de casamento civil, para libertar da tutela da Conceição o que não comungam à mesa do Sr. bispo Lacerda, o Sr. presidente do Conselho diz que o governo, isto é, o mesmo Sr. ministro do império não podia nomear a professora, a concorrente mais habilitada, por ser judia. (Gazeta de Notícias, 19/05/1884)

03/06/1883, 09/06/1883, 15/10/1883 e 30/11/1883.

Críticas que vimos anteriormente em “Balas de Estalo” também aparecem aqui, mas agora menos permeada pelo humorismo. Ao contrário do que acontece com o tema da monarquia, quando Ferreira de Araújo fala da religião oficial do Estado em “Cousas Políticas” suas críticas são bem mais contundentes - pelo menos no que concerne às críticas feitas sobre a “obrigatoriedade” de ser católico para nascer, trabalhar, casar e morrer. Em “Cousas Políticas”, Araújo comenta as contradições do governo, e por que não da monarquia, por professar a tolerância religiosa, mas não colocá-la em prática em momentos como o da convocação da professora judia. Em “Balas”, Lulu Sênior realiza exercício parecido, com a diferença que nestas a crítica se concentra na figura de Dom Pedro II, já em “Cousas Políticas” o foco muitas vezes se desloca para o gabinete ministerial.

Entretanto, o mesmo não ocorre quando o assunto era a monarquia e a figura do imperador, que, de certa forma, eram mais “poupados” em “Cousas Políticas”. Em 03/12/1883, dia seguinte ao aniversário de Dom Pedro II, Ferreira de Araújo escreve, por exemplo, um artigo em “Cousas Políticas” rebatendo os boatos segundo os quais o imperador teria se recusado a comutar a pena capital a que havia sido condenado um escravo. Neste artigo, o dono da *Gazeta* afirmava que a abolição estava no espírito do imperador, que sua intelectualidade, e mesmo a visita feita a Victor Hugo, o livravam dessa calúnia. As acusações de autoritarismo, de usar poderes que eram em sua figura concentrados – críticas tão presentes em “Balas” - transformam-se em:

A abolição está em todos os espíritos e em todos corações. O imperador hesita em dar um passo decisivo, ou por considerações de ordem econômica, ou por não ter tido à mão um homem capaz de levar por diante esta campanha, indo ao encontro da onda que vem de baixo, não para combatê-la, mas para reformá-la. Mas o tino político de Sua Majestade, opõe-se certamente a que vá agora praticar um ato que seria a condenação de um movimento em que se envolvem todas as classes sociais em todos os pontos do império. (Ferreira de Araújo, “Cousas políticas”, 03/12/1883).

Em “Balas”, o imperador é voluntarioso e nem sempre coerente em suas decisões políticas. Utiliza-se do Poder Moderador e não respeita a representatividade parlamentar quando, por exemplo, decreta a dissolução da Câmara de Deputados. Já em “Cousas Políticas”, trata-se de um governante respeitador da vontade nacional – “movimento em que se envolvem todas as classes sociais” - que só não avança sobre a

questão da abolição por falta de um homem “capaz de levar adiante esta campanha”. No mesmo artigo temos ainda a seguinte passagem:

Ora, o Imperador do Brasil é um homem de seu tempo, cultiva o seu espírito, e vê o que lhe convém fazer. Para prova aí temos um fato. O Imperador recebeu uma educação toda religiosa; é manifestamente um crente, e talvez tenha mesmo alguma pontinha de superstição; do melhor de seus afetos, daquele que consubstancia também a suas esperanças, e representa o seu futuro, vem-lhe um reforço a essa ordem de ideias; No entanto, durante o seu longo reinado, nunca o clericalismo ditou leis a este país, e se hoje há uma tentativa nesse sentido, se procura imprudentemente preparar terreno para essa planta absorvente, não é por influência do monarca que tal acontece.

Mais uma vez, o imperador deixa de ser o alvo das críticas é um homem que “cultiva o espírito de seu tempo”, sem que nessa afirmação exista a ironia ferina dos comentários de Lulu Sênior. O que em “Balas” era de responsabilidade da omissão do imperador diante do problema da Igreja, em “Cousas Políticas” a culpa passa a ser do próprio clericalismo, que avança independentemente da influência de D. Pedro II. Segundo este artigo, o clericalismo não ditou leis no reinado de Dom Pedro II, o que soa estranho à fala daquele Ferreira de Araújo, crítico contumaz da união entre Igreja e Estado sob o pseudônimo de Lulu Sênior.

No artigo de 14/07/1884, Ferreira de Araújo responde aos ataques que o *Diário do Brasil*⁷ fez ao imperador e a sua atitude diante da questão da emancipação, e aproveita para expor a posição da *Gazeta de Notícias* em relação à monarquia:

“O que se adianta, pois, atribuindo a este ou aquele a responsabilidade de um movimento a que o país todo se associa, e atribuindo-lhe como se esse fosse um mal? Esta é a linguagem dos que alcunham os propagandistas de anarquistas e desordeiros [referência ao Diário do Brasil]; dos que dizem que a propaganda prega a desordem e a revolução. [...] não somos suspeitos nesta folha de excessivas simpatias, de prevenções sistemáticas pelo imperador; não tendo pretensões pessoais, os atos do imperante tem para nós a mesma significação dos de outro qualquer funcionário público; mas enquanto não nos convenceremos de que a atual forma de governo é um embaraço efetivo ao desenvolvimento do país, enquanto não virmos organizada cousa que seja ou pareça melhor, consideraremos um ato subversivo o levantar ódios especiais contra um cidadão a quem apenas cabe

⁷ O *Diário do Brasil*, jornal do partido liberal, posicionou-se radicalmente contra a abolição da escravidão no Ceará em 25 de março, culpou os jornais da Corte de estarem fazendo campanhas abolicionistas e insuflando os “ódios sociais”, foi contra o projeto Dantas e culpou o imperador pelo encaminhamento da questão. Segundo o jornal, “(...) propagou-se e acreditou-se que a Coroa queria a todo transe, fosse como fosse, a emancipação; que para favorece-la de qualquer modo, não havia violência, bandalheira e infâmia que não fossem lícitas, meritórias e credoras garantidas de infalível remuneração”. *Diário de Brasil*, 13/07/01884.

uma parte da responsabilidade gloriosa que muitos outros com razão querem partilhar". (Ferreira de Araújo, "Cousas Políticas", 14/07/1884)

Neste texto, Araújo afirma não ver na monarquia um empecilho ao desenvolvimento do país, além de censurar o desrespeito com a figura do imperador em ataques frontais como o feito pelo *Diário do Brasil* no dia anterior. Mais uma vez o autor se distancia da tônica das "Balas de Estalo". Ele torna as críticas menos ofensivas, mais "imparciais". Em "Balas", a visão passada a respeito do imperador era de co-responsável pelos problemas nacionais como também se comentava, por exemplo, sua ausência nas festas de abolição da escravidão do Ceará.

Provavelmente um dos fatores que talvez permitisse à "Balas de Estalo" uma independência em relação ao jornal e a esse compromisso com a "imparcialidade" da *Gazeta de Notícias* fosse justamente o caráter humorístico da série. Em "Balas", Lulu Sênior não era o dono do jornal de maior circulação do Rio de Janeiro, era apenas um dos "confeiteiros" da série. As assinaturas tinham significados bem diferentes no espaço da *Gazeta de Notícias*: Araújo representava, em "Cousas Políticas", o peso do compromisso com jornalismo "imparcial", Lulu Sênior simbolizava a liberdade do cronista, da série comprometida antes com a galhofa do que com posturas políticas e jornalísticas. Sob a assinatura de Lulu Sênior estava também o literato e sua "missão" com a modernidade e o seu desejo de ser um "transformador" da sociedade. O espaço da coluna "Cousas Políticas", utilizado mais para censurar os atos dos ministérios que se revezavam no poder, não podia enfrentar um guerra com a monarquia. Em "Balas de Estalo" isso era possível, sem, no entanto, criar grandes problemas para o jornal.

Para atacar o imperador, Araújo parecia preferir as páginas de "Balas de Estalo", porque o humor disfarçava as acentuadas críticas feitas á monarquia. Reservava-se, então para as "Cousas Políticas" as análises e comentários sobre os governos que se sucediam no poder, como também para criticar o abandono dos partidos de seus programas políticos. No dia 24 de maio de 1883 sobe ao poder o gabinete ministerial chefiado pelo liberal Lafayette Rodrigues Pereira, substituindo o Marquês de Paranaguá, também liberal e que estava no poder desde julho de 1882. Desde 1878, com o gabinete Sinimbú, estavam os liberais no poder. Com Saraiva fizeram a reforma da legislação eleitoral em 1881, mas desde então não colocaram em pauta uma das principais discussões do momento: a abolição da escravidão.

Lafayette Rodrigues inaugura o seu governo se comprometendo com a resolução da questão financeira que atingia o país. Lafayette, entre outras coisas, prometeu também rever a questão dos impostos, realizar a supressão de despesas desnecessárias, além de rever a própria lei de orçamentos. Seu plano de governo também consistia em reorganizar as administrações das províncias. Sobre o chamado “elemento servil” assumiu o compromisso de discutir uma possível localização dos escravos nas províncias – para apoiar a Lei de 28 de Setembro de 1871 -, além de ocupar-se com o aumento do fundo de emancipação através da criação de impostos. No entanto, um mês após a sua entrada para o governo, Lafayette ainda não havia proposto nenhuma discussão sobre as reformas “liberais” que havia proposto em sua sessão de posse. Ferreira de Araújo, inicia então uma série de ataques ao ministério – tanto em “Balas de Estalo” como em “Cousas Políticas”. O não cumprimento da agenda liberal tornara-se, já há alguns anos, um dos assuntos mais recorrentes da *Gazeta de Notícias*.

Entretanto, dentre as críticas feitas aos liberais, Lafayette possuía alguns “agravantes” em termos de incoerências políticas. Lafayette assinara o manifesto republicano em 1870, quando não tinha uma carreira política consolidada, até que em 1878, quando os liberais voltaram ao poder, ele é chamado para ser ministro. Em seguida elege-se deputado, depois é nomeado senador e logo alcança um lugar no Conselho de Estado. Em maio de 1883, em meio à crise do Gabinete Paranaguá, Lafayette é chamado pelo imperador para organizar um novo ministério e surpreende a todos. Ferreira de Araújo dizia não compreender uma ascensão tão rápida de alguém que se mantinha tão ausente das discussões políticas.

Porém, Lafayette Rodrigues torna-se, de fato, um dos alvos preferidos do dono da *Gazeta de Notícias* ao citar Molière na Câmara dos Deputados. Vejamos uma “Bala de Estalo” escrita por *Lulu Sênior* após esse discurso:

Molière, oh velho mestre, os conservadores cá da terra estão a pisar-te nos canteiros. Pegaram em ti, os bárbaros, e, sem respeito nem ao teu talento enorme, nem ao tempo que o consagrou, eles, os conservadores, que se dizem amigos do classicismo, andam a resguardar-te à maneira do urso da fábula. Os liberais, esses, estão apenas ...vexados. Há aqui um ministro liberal que parece ter lido a sua obra, e o que parece mais! tê-la entendido. Esse ministro, que não estava a um canto do bosque, escondido na espessura das árvores, de carabina em punho, à espera que passasse uma pasta vaga; esse ministro que nunca foi chefe de partido, nem o pretendia ser, estava tranqüilamente em sua casa, a ler os juristas, e a ler-te a ti, quando lhe levaram a notícia de que era preciso ir lá para cima, [...]. O bom homem, que sim há espírito e leitura,

entendeu que estavam a zombar dele; mas enfim, lá foi e lá está. [...] fazem-lhe uma pergunta sobre uma questão que deitou por terra o ministério passado, e o homem responde que não sabe ainda o que há de fazer. Mas, em vez de dizer isso simplesmente por sua conta, o homem deitou um pouco de literatura, e disse que, como Sganarello, respondia: - Pode ser que sim, pode ser que não. Lulu Sênior (Ferreira de Araújo, “Balas de Estalo”)

A citação de Molière na Câmara dos Deputados causou grande *frisson* na imprensa carioca. Lafayette foi ridicularizado por usar de uma citação literária naquele ambiente parlamentar sempre tão satirizado por sua retórica simples e vazia. A frase “pode ser que sim, pode ser que não” tornou-se sinônimo do ministério de Lafayette, principalmente no que diz respeito à questão da libertação dos escravos, sobre a qual o ministro não se posicionou claramente. Lulu Sênior aproveita-se do ocorrido para declarar sua opinião sobre o ministro, afirmando que este não tinha uma carreira política consolidada e que sua nomeação para chefe de gabinete era despropositada e sem coerência. E Lulu Sênior continua:

*[...] Os barões de hoje, por serviços prestados ao Estado, com escala pela rua do Sacramento, não te ouvem e não te lêem, truão. Um deputado moço, [...], disse em um arrebatamento de eloquência e erudição – que Sganarello é um Tartufo, é um truão. E sabes o que lhe responderam? – Apoiado! [...] não é indispensável conhecer-te a ti, [...], mas também sei que, se um deputado brasileiro pode passar sem conhecer-te, ainda passa melhor não citando sem te conhecer. [...] O ministro que respondeu com as palavras do filho da tua observação, podia ter-se comparado melhor a um dos teus Sganarellos, dizendo que era presidente do conselho como ele fora médico: - à força. Mas a impressão geral parece que foi que o homem tinha tido a ideia de comparar-se àquele dos teus Sganarellos, que constituí na tua obra a família lamentável de que é chefe Georges Dandin, Qui l'a voulu; nem ao menos, a digna promotora lhe concedeu a circunstância atenuante de dizer como o do *Médecin volant*, que o seu nome de Sganarello seria trocado pelo de Cornelius. Lulu Sênior (Ferreira de Araújo, “Balas de Estalo”)*

Na crônica acima, percebemos o claro incômodo de Lulu Sênior. Para ele, seria melhor não citá-lo. Confundir Sganarello com Tartufo seria, de fato, um enorme engano. Tartufo não é um charlatão, ele é um hipócrita e dissimulado. Lulu Sênior aproveita-se desta crônica não só para criticar o uso superficial de Molière na Câmara, mas para definir Lafayette através da obra do autor. Compara-o ao falso médico, charlatão e com uma retórica vazia. Além dessa comparação, o ministro também é comparado a Georges Dandin, umas das personagens centrais da peça *O Marido da Fidalga*. Dandin é um camponês rico que se casa com uma mulher de origem nobre. Ao desconfiar que está sendo traído pela esposa, percebe o grande equívoco que cometeu ao

casar-se com alguém de origem social tão diferente e arrepende-se da união. Ao longo da peça evidencia-se a dificuldade que ele encontra de adentrar esse mundo da fidalguia. Para Lulu Sênior, Lafayette, assim como o marido traído da fidalga, também cometeu um grande engano ao ingressar num mundo do qual há tempos conservara-se distante e pelo qual nunca havia feito nada.

No dia 25 de junho, três dias depois da publicação da crônica citada acima, Ferreira de Araújo, agora não mais sob o pseudônimo de Lulu Sênior, volta ao assunto da citação de Molière nas suas “Cousas Políticas”. Neste dia, Ferreira de Araújo endereça seu artigo ao próprio chefe de ministros, explicando-lhe a necessidade de uma justificativa para a sua rápida ascensão política:

Não há negar. Depois da assinatura do manifesto republicano, entrar de novo nos arraiais monárquicos, embora em posto muito inferior àquele em que estava quando os deixou, era voltar atrás, era caminhar por desvios, porque a linha reta era a que seguiam os que batalharam durante dez anos, sempre vencidos na luta, mas lutando sempre, repelidos do Parlamento, mas batalhando na imprensa. [...] O Sr. Lafayette, porém, tem responsabilidades mais graves, uma que lhe impõem sua inteligência e ilustração, outra que lhe impõem os seus precedentes, o seu republicanismo e sua apostasia. Se o Sr. Lafayette, depois de assinar o manifesto republicano, se prestou a ser ministro, a fazer-se eleger deputado por eleitores que dependiam do ministro, a fazer-se eleger senador por outros eleitores em iguais condições, a fazer-se escolher senador por outro eleitor que queria prender mais a si sans-culotte da véspera, a ser presidente do conselho de ministros, só pela vaidade pessoal de ocupar esses cargos, à maneira do Comte. Oscar da opereta de Offenbach – comme les autres – S. Ex. ilude-se, porque não consegue ser como os outros que, apesar de medíocres, não são renegados. [...] S. Ex. será quando muito um Monsieur Jourdain, o Bourgeois Gentilhomme, e dirá olhando para sua farda de ministro – Mon tailleur m'a envoyé des bas de soie que j'ai pensé ne maittre jamais. A sua intervenção nos negócios públicos será como a desse herói de Molière; e quando brigarem, os Sr. Corrêa, mestre de armas do Senado, o Sr. Ferreira Vianna, mestre de filosofia na Câmara, com o Sr. Dantas, mestre de dança na Sibéria, o Sr. Cândido de Oliveira, mestre de música na Cadeia Velha, S.Ex. limitar-se-á a dizer: Oh! Battez-vous tant qu'il vous plaira: je n'y saurais que faire et je n' irai pas galêr ma robes pour vous separer. Je serais bien fou de m'aller fourrer par mi eux, pour recevoir quelque coup, Qui me ferait mal.⁸ [...] Ora, o Sr. Lafayette tem o dever de ambicionar muito mais. Se não é um ambicioso vulgar, S. Ex. tem obrigação de justificar sua carreira política, prestando serviços reais ao país. (“Cousas Políticas”, 25/06/1883).

⁸ A cena que Lulu Sênior está citando refere-se à briga entre os mestres de dança, filosofia, esgrima e música do Sr. Jourdain sobre qual seria a mais importante para o refinamento de um homem. Diante da briga o Sr. Jourdain exclama: “Oh! Esmurrem-se à vontade; já não sei o que fazer e não vou estragar o meu roupão para separa-lo. Rematada tolice seria minha se me metesse entre eles, com o risco de levar alguma pancada mais séria”. Ver Molière. O Tartufo; Escola de Mulheres; O Burguês Fidalgo; Traduções de Jacy Monteiro, Millôr Fernandes, Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Monsieur Jourdain, burguês deslumbrado com o mundo da fidalguia francesa, é personagem da peça *O Burguês Fidalgo*, de Molière. Jourdain é rico e deseja ser como um “Gentilhomme”, educado, sofisticado e elegante. Para tanto, faz-se rodear de “mestres” de dança, música, esgrima e filosofia para que estes o insiram no mundo da nobreza. A peça de Molière se abre com Monsieur Jourdain acordando e vestindo seu rico e ornamentado roupão, evidenciando para o público sua vaidade exacerbada e sua excessiva preocupação com a ostentação do mundo luxuoso o qual ambicionava participar. Os mestres o seduzem com a promessa de “dinheiro fácil”, mas deixam claro que, apesar do dinheiro, Monsieur Jourdain não só não entende de música como não tem bom gosto para apreciar a arte. O burguês é uma espécie de “títere” nas mãos de tais mestres, que o manipulam sempre com a promessa de torná-lo um homem elegante como um fidalgo.

Para Ferreira de Araújo, tal como o personagem do teatro, Lafayette é um homem vaidoso, ambicioso, mas sem preparo para ocupar o cargo de destaque que lhe foi conferido. Um homem que abandonou a luta política enquanto os conservadores estiveram no poder, mas, por vaidade, aceitou voltar aos braços da monarquia. Mas, a despeito dos títulos, ele continuava sem justificativas para sua rápida ascensão política. Está no poder, mas parece ignorar o real motivo da escolha de seu nome. O papel dos “Mestres” na transposição de Ferreira de Araújo caberia aos grandes nomes da política imperial – Dantas, com sua grande capacidade de articulação política, e Ferreira Vianna com sua retórica poderosa – e não a ele. Entretanto, para Ferreira de Araújo, Lafayette não poderia ser simplesmente um Jourdain, não poderia acomodar-se na mediocridade, na superficialidade. Ele precisava justificar e honrar a sua meteórica carreira política. Não bastava ser o vaidoso Jourdain, era preciso “prestar serviços reais ao país”.

Diferentemente do tema da monarquia e seu atraso para o país, a discussão sobre os gabinetes ministeriais eram feitos de forma muito parecidas em “Balas de Estalo” e “Cousas Políticas”. Apesar do tom adocicado das “balas”, sempre recheadas de humor e sátira, ambos os espaços criticavam as mesmas coisas no governo de Lafayette. Mas, embora os comentários fossem basicamente os mesmos, a diferença era que em “Cousas Políticas” Ferreira de Araújo sistematizava e organizava as críticas de forma mais “didática”.

Tais características dos temas sobre ministérios, partidos políticos, programas e reformas liberais – que são discutidos de forma muito parecida em ambas as colunas – só vem a confirmar que Lulu Sênior sabia exatamente quais eram as ideias que a *Gazeta de Notícias* fazia questão de colocar em seu “editorial”, tais como abolição, imigração, reforma eleitoral, e quais decidia colocar em colunas menos comprometidas com a “imparcialidade” do novo jornalismo surgido em fins do século XIX. O que é certo é que “Balas de estalo” se constituiu como um espaço de ataques recorrentes à Monarquia e à religião oficial. E a “neutralidade política” da *Gazeta* torna-se bastante vulnerável se pensarmos que foi justamente este espaço de confronto direto que se tornou um dos mais lidos do jornal. Ferreira de Araújo parece ter feito então a escolha certa. Através do humor e da pilhéria, ele conseguia atrair o leitor para essas questões e se fazer ouvir nos mais diferentes meios sociais.

Bibliografia

BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio. Imprensa, Poder e Público**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

FERACIN, Ana Carolina. “De papa-pecúlios a Tigre da Abolição: a trajetória de José do Patrocínio nas últimas décadas do século XIX”. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2006.

PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. **O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**, 2ª. ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 4ª ed., 1966.